

# A Escola de Alexandria e sua interpretação alegórica das Sagradas Escrituras

*The school of Alexandria and its allegorical interpretation of the Holy Scriptures*

*Francisco Emanuel Lima Santos*

## Resumo

Pretende-se discorrer sobre a Escola de Alexandria e o seu método de interpretação bíblica. O tipo de pesquisa a ser abordada é a de revisão bibliográfica. Terá como fonte de informação e fundamentação os seguintes instrumentos de pesquisa: dicionários e enciclopédias bíblicas e teológicas e obras sobre a história da interpretação bíblica. A pesquisa parte da necessidade de que os cristãos conheçam a história sobre a origem e o uso do método alegórico. Com o propósito de alcançar o seu objetivo, a pesquisa se desenvolverá a partir de uma análise sobre a origem da escola de Alexandria, as raízes históricas que deram início ao método alegórico de interpretação e sua influência na vida de alguns intérpretes como Filon e Orígenes. A intenção é mostrar por meio da análise bibliográfica, que o método de interpretação alexandrino tinha como base a interpretação alegórica. A alegoria foi inicialmente usada pelos gregos com o objetivo, por exemplo, de justificar algumas histórias que relacionavam os deuses gregos com práticas imorais. Futuramente, o método alegórico foi usado pelos judeus e cristãos com o objetivo, por exemplo, de explicar textos do Antigo Testamento que supostamente eram difíceis de interpretação literal, como textos que envolviam antropomorfismos.

**Palavras-chave:** Alexandria. Escola. Alegoria. Interpretação.

## Abstract

This article plans to discuss the School of Alexandria and its method of biblical interpretation. The type of research addressed is the bibliographic review.

The source of information and foundation were the following research instruments: dictionaries and biblical and theological encyclopedias and works on the history of biblical interpretation. The research is based on the necessity that Christians know the history about the origin and the use of the allegorical method. In order to achieve its objective, the research will develop from an analysis of the origin of the school of Alexandria, the historical roots that brought fourth the allegorical method of interpretation and its influence on the lives of some interpreters such as Philo, Clement of Alexandria and Origen. The purpose is to show through bibliographic analysis that the Alexandrian method of interpretation was based on the allegorical interpretation. Allegory was initially used by the Greeks with the aim, for example, of justifying some stories that related their gods to moral practices. Subsequently, allegory was used by Jews and Christians with the aim, for example, of explaining Old Testament texts that were supposed to be difficult to interpret literally, such as texts that involved anthropomorphisms.

**Keywords:** Alexandria. School. Allegory. Interpretation.

## Introdução

Neste artigo, pretende-se discorrer sobre a Escola de Alexandria, o surgimento da escola de interpretação alegórica das Escrituras; as raízes históricas do método alegórico; o significado de alegoria e seus intérpretes alexandrinos. O tipo de pesquisa a ser abordada é a de revisão bibliográfica e histórica. Terá como fonte de informação e fundamentação os seguintes instrumentos de pesquisa: dicionários e enciclopédias bíblicas e teológicas, obras sobre a história da interpretação bíblica, obras sobre a história da teologia cristã, manuais de teologia bíblica, entre outros.

A pesquisa parte da necessidade de que os cristãos conheçam a história sobre a origem e o uso do método alegórico. A interpretação bíblica é um dos temas centrais na compreensão das Sagradas Escrituras. Foi assim para os autores do Antigo e Novo Testamento, para os apóstolos e, da mesma forma, continuou sendo para os primeiros discípulos de Cristo. Sendo, portanto, a compreensão e aplicação do texto bíblico, uma das principais fontes de conduta e fé para os cristãos. Por isso, a interpretação bíblica deve continuar sendo relevante e oferecendo aos cristãos a possibilidade de compreenderem melhor a revelação escrita de Deus. Esta pesquisa tem a finalidade de responder os seguintes questionamentos: Como surgiu a Escola de Alexandria? O que é o método alegórico? Como o método foi usado na história?

Com o propósito de alcançar o seu objetivo, esta pesquisa se desenvolverá

a partir de uma análise sobre a origem da escola de Alexandria, as raízes históricas que deram início ao método alegórico de interpretação e sua influência na vida de alguns intérpretes como Fílon, Clemente de Alexandria e Orígenes. O propósito é mostrar, por meio da análise bibliográfica e histórica, que o método de interpretação alexandrino tinha como suporte a interpretação alegórica. A interpretação alegórica foi inicialmente utilizada pelos gregos com o objetivo, por exemplo, de esclarecer algumas histórias que relacionavam seus deuses com práticas escandalosas. Posteriormente, a alegoria foi empregada sistematicamente pelos judeus e cristãos com a finalidade, por exemplo, de elucidar textos bíblicos do Antigo Testamento que aparentemente eram difíceis de interpretação literal.

## 1. A cidade de Alexandria onde tudo começou

A cidade denominada Alexandria fica no Egito e recebeu esse nome em homenagem a Alexandre, o Grande, que fundou a mesma em 332 a.C. A instrução e os limites da construção da cidade foram dados pelo próprio Alexandre, quando ele chegou no Egito por volta de 332 a.C.<sup>1</sup>

A influência de Alexandria não se dava somente por sua importância marítima, mas também por sua visibilidade cultural, política e sua pluralidade religiosa. Olson destaca que, “nos tempos de Cristo, foi um próspero centro cosmopolita de educação, cultura, negócios e comércio. Sua grandiosa biblioteca e museu serviam de núcleo para uma universidade da Antiguidade, onde conviviam filósofos e estudiosos religiosos provenientes dos confins mais distantes do mundo”.<sup>2</sup>

Cerca de um século depois de ter sido construída, era uma das maiores, senão a cidade mais pomposa da época e que crescia tão maravilhosamente que nem mesmo Roma a superava.<sup>3</sup> Era a cidade que mais atraía as pessoas, conforme Vrettos “no início do século I a.C., Alexandria havia crescido tão rapidamente que viajantes e historiadores eram unânimes: tratava-se da maior cidade do mundo civilizado, superando as demais em tamanho, elegância e luxo”.<sup>4</sup> Por muitos anos, Alexandria foi o centro cultural, político e religioso do Egito.<sup>5</sup> Segundo Vrettos, a cidade tornou-se um grande centro do judaísmo, tanto é verdade que os judeus eram tão numerosos quanto os gregos. O bairro judeu era quase tão grande quanto o grego.<sup>6</sup>

Conforme Vrettos, logo após a fundação de Alexandria, os judeus começaram a imigrar para a cidade, trazendo com eles seus costumes que logo

<sup>1</sup> VRETTOS, T., Alexandria, p. 33.

<sup>2</sup> OLSON, R. E., História da teologia cristã, p. 205.

<sup>3</sup> VRETTOS, T., Alexandria, p. 21.

<sup>4</sup> VRETTOS, T., Alexandria, p. 22.

<sup>5</sup> VRETTOS, T., Alexandria, p. 21.

<sup>6</sup> VRETTOS, T., Alexandria, p. 25.

foram absorvidos pela cultura grega.<sup>7</sup> Suas sinagogas podiam ser localizadas por quase todos os cantos da cidade.<sup>8</sup> Alexandria foi o centro das atenções do mundo por muitos anos. Era uma cidade muito conhecida por sua diversificada população, por sua cultura, política e influência no mundo de sua época. Até hoje, ela é lembrada e estudada como fonte de conhecimento da antiguidade. Essa cidade foi o útero onde foi gerado e onde nasceu o método alegórico de interpretação bíblica.

## 2. O surgimento da escola de interpretação alegórica das Escrituras

Segundo Dockery, os estudos contemporâneos têm questionado se é adequado falar em escola hermenêutica de Alexandria, no entanto, este trabalho, seguindo a tradição, fará referência à escola de Alexandria sem pressupor uma escola no sentido completo.<sup>9</sup> Dockery ainda comenta que, Teágenes de Régio foi o fundador da prática da interpretação alegórica, embora alguns sugiram Ferecides de Siros (início do século VI a.C.)<sup>10</sup>

De qualquer forma, o que se percebe é que a prática alegórica teve início provavelmente no período pré-socrático da Grécia Clássica e essa prática cresceu e influenciou a filosofia, a religião judaica e cristã.<sup>11</sup> Qualquer que seja o momento exato de sua criação, o que se verifica é que ela criou raízes em Alexandria, floresceu e fez parte da exegese de grandes intérpretes da igreja. E como teria surgido a escola alegórica de Alexandria?

A resposta é que com a perseguição contra o cristianismo, os cristãos viram-se obrigados a terem que morar em outras regiões e, com isso, o cristianismo também foi crescendo nesses locais.<sup>12</sup> Uma vez que os cristãos estavam estabilizados, viam a necessidade de se organizarem como comunidade cristã, e por conta disso, abriam escolas catequéticas com a finalidade de instruir os próprios cristãos, assim como judeus helenizados e povos não evangelizados.

Conforme Cairns, “no começo da segunda metade do século II, abriu-se em Alexandria uma escola catequética para instruir os convertidos do paganismo ao Cristianismo. Seu primeiro diretor foi Panteno, competente convertido vindo, segundo alguns, do Estoicismo”.<sup>13</sup> Ao que se verifica, esse Panteno é o mais antigo mestre da Escola de Alexandria e, portanto, o fundador da mesma.<sup>14</sup>

Lopes também concorda que Panteno seja o fundador, quando diz: “Um

<sup>7</sup>VRETTOS, T., Alexandria, p. 207.

<sup>8</sup>VRETTOS, T., Alexandria, p. 25.

<sup>9</sup>DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 73.

<sup>10</sup>DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 73-74.

<sup>11</sup>DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 74.

<sup>12</sup>LOPES, A. N., A Bíblia e seus intérpretes, p. 130.

<sup>13</sup>CAIRNS, E. E., O cristianismo através dos séculos, p. 90.

<sup>14</sup>ZUCK, R. B., A interpretação bíblica, p. 41.

conhecido líder de Alexandria foi Pantenus, inicialmente um filósofo estoico, Pantenus converteu-se ao cristianismo e fundou uma escola cristã catequética na cidade no século 2<sup>o</sup>.<sup>15</sup> Moreschini também diz que “ele parece ter sido o representante mais antigo da escola de Alexandria”.<sup>16</sup> Nessa época, no início do século II, também surgiu um professor bastante influente, conhecido como Barnabé, a quem se atribui a famosa *carta de Barnabé* com um teor altamente alegórico.<sup>17</sup> “O sistema utilizado na escola para interpretar a Bíblia era o sistema alegórico”.<sup>18</sup>

O que se pode depreender, conforme visto, é que a escola de Alexandria foi aberta no século II com a finalidade de instruir não somente os cristãos, mas judeus, judeus helenizados, gregos e outros. A sua fundação é atribuída a Panteno, um filósofo que se converteu ao cristianismo. A característica exegética dessa escola foi o método alegórico. A partir de então, formaram-se vários intérpretes alegóricos que fizeram parte da história da igreja. Esses intérpretes tornaram o método alegórico bastante conhecido.

### 3. As raízes históricas do Método Alegórico

Como teria surgido a interpretação alegórica? Quais são as raízes dessa prática? Há pelo menos três razões que levaram a essa prática e são elas: a interpretação alegórica dos gregos, a tentativa de tornar as Escrituras compreensíveis ao mundo helenístico e o gnosticismo embrionário. Essas razões contribuíram para que o método alegórico de interpretação bíblica surgisse e se desenvolvesse no meio da igreja ao longo de sua história.

#### 3.1. A interpretação alegórica dos gregos

As raízes que levaram à elaboração, surgimento e o uso do método alegórico têm origem na interpretação de filósofos gregos. A filosofia grega estava presente em todas as partes em que Alexandre havia dominado e em Alexandria não era diferente. Havia um misto de filosofia e judaísmo muito presente na cultura da cidade. A presença do judaísmo justificava-se com a presença de muitos judeus que haviam ido morar no Egito. Lopes explica que:

O sistema interpretativo que veio a associar-se com a cidade de Alexandria tem suas raízes históricas nas ideias de dois importantes filósofos gregos. O primeiro é Heráclito (Éfeso, 540?-475? a.C.). Ele estabeleceu o conceito de *huponóia*, ou sentido mais profundo, como uma nova abordagem às obras de Homero (*A Ilíada*

<sup>15</sup> LOPES, A. N., A Bíblia e seus intérpretes, p. 131.

<sup>16</sup> MORESCHINI, C., História da filosofia patrística, p. 108.

<sup>17</sup> LOPES, A. N., A Bíblia e seus intérpretes, p. 130.

<sup>18</sup> LOPES, A. N., A Bíblia e seus intérpretes, p. 131.

e a *Odisseia*)... nessas obras os deuses gregos são descritos cometendo traição, imoralidades, vingança, mentindo e praticando outros vícios. Para fugir das implicações óbvias de se interpretar literalmente o que Homero escreveu acerca dos deuses, Heráclito sugeriu que o verdadeiro sentido estava além das palavras (*huponóia*). Os escritos de Homero não eram para ser entendidos literalmente, como estavam escritos, mas como apontando para conceitos mais profundos, além da letra. O segundo é Platão (Atenas, 427?-347? a.C.). Ele formou o conceito de que o mundo em que vivemos é apenas uma representação do que existe no mundo perfeito das realidades imateriais, o “mundo das ideias”. Conceitos e verdades espirituais, próprios do “mundo das ideias”, são representados por *alegorias*.<sup>19</sup>

Os filósofos estoicos também já adotavam há algum tempo a alegoria como método para interpretar os escritos de Homero.<sup>20</sup> Os filósofos começaram a alegorizar as histórias dos deuses gregos na tentativa de minimizar eventuais desajustes morais e éticos. Um exemplo disso eram os filósofos estoicos que criticavam os excessos supersticiosos da mitologia, dos cultos populares, e procuravam descobrir em tudo isso um sentido mais elevado e verdadeiro.<sup>21</sup>

Para explicar a vida de seus deuses, lendas e mitos, os gregos desenvolveram um sistema de interpretação no qual era possível aplicar a alegoria e ao mesmo tempo não comprometer os seus deuses. Esse sistema juntou-se à filosofia platônica do “mundo das ideias”, ou seja, o que alguém vê não é exatamente o que ele está vendo, existe algo mais profundo, algo oculto, o que Platão chamava de “mundo ideal”. A partir de então estava estabelecida uma “nova forma” de ler e estudar os textos.

Com essa visão de que há um sentido oculto por detrás do texto, passou-se a buscar, por meio da interpretação alegórica, o lado oculto dos textos, buscava-se o que estava por detrás do texto literal. Aquilo que não era explícito aos olhos do leitor e aparentemente impossível de se entender era preciso alegorizar para conhecer o verdadeiro sentido.

### 3.2. Tornar as Escrituras compreensíveis ao mundo helenístico

A cultura grega era predominante em Alexandria e, portanto, era natural que suas ideias, pensamentos e princípios interpretativos formatassem o estilo de ler e estudar a Bíblia. Para Berkhof, “não é de admirar que a famosa escola catequética dessa cidade caísse sob o encanto da filosofia popular e se acomodasse à sua interpretação da Bíblia. O método natural que ela encontrou para harmonizar

<sup>19</sup> LOPES, A. N., A Bíblia e seus intérpretes, p. 130.

<sup>20</sup> BERKHOF, L., Princípios de interpretação bíblica, p. 17.

<sup>21</sup> DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 74.

religião e filosofia foi a interpretação alegórica”.<sup>22</sup>

Muitos judeus que moravam em Alexandria ou em lugares onde a cultura helenística era forte, tentavam manter-se fiéis aos ensinamentos das Sagradas Escrituras, como a Lei de Moisés e os profetas, mas deparavam-se com a tensão gerada pela filosofia grega. De um lado, eles eram impelidos a entenderem literalmente os textos Sagrados, mas, por outro lado, eles precisavam explicar como determinados textos, que eram difíceis de serem entendidos literalmente, podiam ser compreendidos por isso, muitos judeus apelavam para a alegorização.<sup>23</sup>

O método alegórico teve suas raízes e seu impulso também no desejo de alguns intérpretes, como o judeu Fílon e depois Irineu, de tornar o evangelho eficaz aos gregos e aos judeus helenizados. Os cristãos e judeus na tentativa de tornarem acessíveis as Sagradas Escrituras ao mundo da época, mundo das alegorias, fizeram amplamente uso de alegorias, embora eles cressem fielmente na inspiração divina das Escrituras. Segundo Hall:

Fílon e Irineu, ambos judeus e intérpretes cristãos, enfrentaram a dúvida sobre como evangelizar eficazmente em um mundo profundamente helenizado. Fílon empregava a alegoria para alcançar os judeus helenizados e convencê-los da relevância do Velho Testamento. Para os intérpretes cristãos em Alexandria, a primeira tarefa era alcançar a mente e o coração grego com o evangelho e em seguida, combater o gnosticismo que corria agressivo por muitos quarteirões da cidade.<sup>24</sup>

Como se pode observar, é importante ressaltar que, os intérpretes que faziam uso da alegoria em suas interpretações, não tinham a intenção deliberada de corromper a mensagem do texto em questão, mas de torná-lo compreensível à mente de seus ouvintes.

### 3.3. O gnosticismo embrionário

O combate ao embrionário gnosticismo foi outra razão que contribuiu para que a alegoria se tornasse um meio pelo qual se entendesse passagens bíblicas supostamente difíceis.

A interpretação que os gnósticos davam às Sagradas Escrituras preocupava os intérpretes cristãos e judeus, pois professores gnósticos além de zombarem, reinterpretavam o Antigo e Novo Testamento de forma alegórica para reforçar a teologia e cosmologia gnóstica. Por esta razão, os intérpretes cristãos e judeus alexandrinos precisavam responder aos gnósticos mostrando a unidade entre o

<sup>22</sup> BERKHOF, L., Princípios de interpretação bíblica, p. 17.

<sup>23</sup> VIRKLER, H. A., Hermenêutica avançada, p. 38.

<sup>24</sup> HALL, C. A., Lendo as Escrituras com os pais da igreja, p. 160.

Deus e as Escrituras do Antigo Testamento e o Deus e as Escrituras do Novo Testamento.<sup>25</sup> Na tentativa de explicar que o Deus do Antigo é o mesmo do Novo Testamento e que o Antigo é ligado ao Novo Testamento, ou seja, não havia contradições e erros como afirmavam os gnósticos, os cristãos acabavam utilizando a alegoria para conciliar e explicar os textos sagrados de forma que fizesse sentido para a mente gnóstica.

#### 4. O método alegórico e os intérpretes alexandrinos

O que é alegorizar um texto? Para Zuck, “é procurar um sentido oculto obscuro que se acha por trás do significado mais evidente do texto, mas lhe está distante e na verdade dissociado. Em outras palavras, o sentido literal é uma espécie de código que precisa ser decifrado para revelar o sentido mais importante e oculto”.<sup>26</sup> Nesse caso, alegorizar é procurar no texto um sentido que se acha escondido.

Vanhooser também define alegorização como uma “interpretação que trata um texto como se ele significasse alguma coisa *outra* (do grego *allos*, outro, outra) daquilo que ele aparentemente diz”.<sup>27</sup> Também segundo Osborne, “alegorização é uma interpretação simbólica do texto. Busca-se um significado espiritual por trás dos detalhes”.<sup>28</sup> Alegorização é, portanto, interpretar um texto à luz de um sentido oculto e não somente à luz do significado literal do texto.

É chamado de método porque é uma técnica desenvolvida especialmente pelos alexandrinos para interpretar o texto a partir da filosofia grega e das ideias criativas da mente humana. Tem por objetivo filosofar ou espiritualizar em cima do texto. Esse foi o método aplicado amplamente por setores da igreja ao longo de toda a sua história. Como se pôde constatar, começou com Alexandria.

Foram vários os mestres, teólogos e intérpretes conhecidos como “alexandrinos”, discípulos da escola de Alexandria, mas para o presente capítulo somente três serão analisados rapidamente. Filo, Clemente e Orígenes são os que mais se destacaram no uso do método alegórico e, por isso, serão citados como exemplos da interpretação alexandrina. Foram homens de grande influência em suas épocas e que até hoje se reconhece seus legados.

##### 4.1. Fílon e o Método Alegórico

Fílon nasceu em Alexandria, provavelmente entre 20-25 a.C., e morreu por volta do ano 50 d.C. Foi contemporâneo de Herodes, o Grande, dos sábios

<sup>25</sup> HALL, C. A., Lendo as Escrituras com os pais da igreja, p. 160-161.

<sup>26</sup> ZUCK, R. B., A interpretação bíblica, p. 34.

<sup>27</sup> VANHOOZER, K. J., Há um significado neste texto? Interpretação Bíblica, p. 136.

<sup>28</sup> OSBORNE, G. R., A espiral hermenêutica, p. 420.

rabínicos como Gamaliel, Hillel e Shamaï, e ainda de Jesus e de Paulo.<sup>29</sup> Sua família era muito importante e, provavelmente, ligada à casa reinante da Judeia e aos segmentos dominantes da sociedade romana.<sup>30</sup> Por ser de uma família influente, Fílon participava da vida social e pública de Alexandria, por exemplo, assistia as cerimônias públicas, tomava partido nas diferentes circunstâncias que agitavam a cidade. Seu irmão, Alexandre, foi sem dúvida o judeu mais importante de Alexandria e uma das pessoas mais ricas da época.<sup>31</sup>

Como judeu ele foi educado no judaísmo, mas também foi treinado na filosofia grega. Sua filosofia era uma mistura de platonismo com estoicismo.<sup>32</sup> Fílon conjugava a filosofia grega com a tradição judaica. Como exegeta da Bíblia lia as Escrituras, o Antigo Testamento, utilizando-se de pressupostos platônicos, aristotélicos e estoicos.<sup>33</sup> Uma das explicações para esse comportamento exegético de Fílon era que ele acreditava que a filosofia se originou no Pentateuco,<sup>34</sup> por isso, não via nenhum problema em harmonizar a filosofia com as Escrituras.

Fílon era um grande conhecedor da literatura grega, mas segundo Calabi, ele não sabia hebraico. Por isso, é possível que as exegeses etimológicas que realizou e suas interpretações bíblicas estivessem baseadas não num original hebraico, mas num texto em grego, mesmo se não necessariamente sempre a Septuaginta.<sup>35</sup> Vrettos, também concorda que ele não sabia hebraico e que sua formação religiosa foi baseada na Septuaginta.<sup>36</sup> Ou seja, ele foi instruído no judaísmo, mas num judaísmo helenístico. Fílon ficou conhecido por suas obras escritas e por seu conceito do “logos”. Para ele, Deus relacionava-se com o mundo por meio de forças divinas, essas forças, Fílon chamou de logos.<sup>37</sup> No entanto, é mais provável que sua fama deva-se às suas interpretações alegóricas do Antigo Testamento. Virkler observa:

Fílon acreditava que o significado literal da Escritura representava um nível imaturo de compreensão; o significado alegórico era para os maduros. Devia usar-se a interpretação alegórica nos seguintes casos: (1) se o significado literal diz algo indigno de Deus, (2) se a declaração parece ser contraditória a outra declaração da Escritura, (3) se o registro alega ser alegoria, (4) se as expressões são dúplices ou se há emprego de palavras supérfluas, (5) se há repetição de algo já conhecido, (6) se uma expressão é variada, (7) se empregam sinônimos, (8) se for possível um

<sup>29</sup> LOPES, A. N., A Bíblia e seus intérpretes, p. 83.

<sup>30</sup> CALABI, F., Fílon de Alexandria, p. 14.

<sup>31</sup> VRETTOS, T., Alexandria, p. 208.

<sup>32</sup> LOPES, A. N., A Bíblia e seus intérpretes, p. 84.

<sup>33</sup> CALABI, F., Fílon de Alexandria, p. 11.

<sup>34</sup> VIERTTEL, W. E., A interpretação da Bíblia, p. 166.

<sup>35</sup> CALABI, F., Fílon de Alexandria, p. 17.

<sup>36</sup> VRETTOS, T., Alexandria, p. 208.

<sup>37</sup> VRETTOS, T., Alexandria, p. 212.

jogo de palavras, (9) se houver algo anormal em número ou tempo (verbal), ou (10) se há presença de símbolos.<sup>38</sup>

Para Oliveira, Fílon foi o principal mestre deste método de interpretação entre a comunidade judaica da época. Fílon entendia que a “letra das Escrituras era apenas um símbolo de coisas mais profundas, portanto, o significado oculto das Escrituras era o que de mais importante havia”.<sup>39</sup> Para ele, o trabalho do exegeta era “explicar aparentes incoerências, esclarecer dificuldades, superar barreiras textuais mediante a busca da univocidade, o emprego da etimologia, a interpretação alegórica, as explicações de nomes e suas mutações”.<sup>40</sup>

Para Fílon, as dificuldades de conceito são resolvidas mediante explicações físicas, metafóricas ou alegóricas, uma exegese que ultrapasse o significado literal imediato do texto.<sup>41</sup> A seguir, serão citados apenas dois exemplos dessa exegese que ultrapassa o sentido literal. O primeiro é sobre a interpretação da Árvore da Vida, em Gn 2,9. Calabi, citando o texto de Fílon, diz: “Parece, antes que Moisés queria aludir com o Jardim à parte diretiva da alma, repleta, de algum modo, de número infinito de plantas correspondentes a outras tantas infinitas opiniões, e com a árvore da vida queria aludir à mais alta das virtudes, a piedade para com Deus”.<sup>42</sup> O segundo é sobre a interpretação de objetos e personagens, pois não somente textos eram alegorizados por ele, mas figuras, objetos e personagens eram também entendidos sob a ótica alegórica, como explica Hall:

O templo de Jerusalém = O mundo

As partes do templo = As diferentes partes do mundo

As quatro cores das vestimentas do sacerdote judeu = Os quatro elementos da natureza

Adão = A inteligência humana

A criação de animais = As paixões humanas

Eva = A sensibilidade humana

A união de Abraão e Sara = A união da inteligência e da virtude.<sup>43</sup>

Fílon cria nas Escrituras judaicas como a Palavra de Deus, que exigia submissão incondicional do intérprete, divinamente inspirada, infalível e totalmente suficiente;<sup>44</sup> para ele, as Escrituras Sagradas constituem o “próprio fundamento de qualquer análise, o ponto de partida de toda pesquisa da

<sup>38</sup> VIRKLER, H. A., *Hermenêutica avançada*, p. 38-39.

<sup>39</sup> OLIVEIRA, R. F., *Princípios de hermenêutica*, p. 6.

<sup>40</sup> CALABI, F., *Fílon de Alexandria*, p. 28-29.

<sup>41</sup> CALABI, F., *Fílon de Alexandria*, p. 29.

<sup>42</sup> CALABI, F., *Fílon de Alexandria*, p. 39.

<sup>43</sup> HALL, C. A., *Lendo as Escrituras com os pais da igreja*, p. 157.

<sup>44</sup> DOCKERY, D. S., *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*, p. 74.

realidade”.<sup>45</sup> Por ele considerar toda a Escritura inspirada, via em cada expressão, cada palavra, e até mesmo em cada letra um significado oculto que podia ser descoberto pelo estudo etimológico.<sup>46</sup>

O que se percebe é que, em geral, Fílon e os demais intérpretes alexandrinos recorriam à alegoria quando encontravam alguma coisa nas Escrituras, que discordava da filosofia, ofendia a lógica e que, para eles, ofendia a Deus.<sup>47</sup> A seguir, será analisado Clemente de Alexandria que, a exemplo de Fílon, seguiu o método alegórico de interpretação.

## 4.2. Clemente de Alexandria e o Método Alegórico

O conhecimento sobre a trajetória secular de Clemente é escasso. Alguns estudiosos acham que ele provavelmente nasceu em Atenas, porém, essa informação pode não ser correta.<sup>48</sup> Vrettos, é um dos que afirmam que ele nasceu em Atenas. “Nascido em Atenas, Clemente teve sua educação pagã e, sem dúvida, foi iniciado nos ministérios do paganismo. Viajou por todo o mundo, de uma escola filosófica para outra, procurando a verdadeira doutrina, o verdadeiro mestre, até que em Alexandria encontrou Panteno e se tornou um cristão”.<sup>49</sup> González também diz que ele é ateniense.<sup>50</sup>

Clemente foi, sem dúvida, um alexandrino dos mais influentes no seu tempo, e não deve ser confundido com Clemente de Roma. Ele se tornou mestre ou chefe da Escola de Alexandria logo após a morte de Panteno, fundador da escola,<sup>51</sup> e o seu nome completo era Tito Flávio Clemente, considerado por muitos o primeiro erudito.<sup>52</sup>

Clemente ensinava que o sentido literal resulta em uma fé básica, pequena, mas o sentido alegórico proporciona crescimento e conhecimento. Segundo Zuck, Clemente afirmou que qualquer passagem da Bíblia pode ter até cinco significados: “a) histórico (as histórias bíblicas); b) doutrinário, com ensinamentos morais e teológicos; c) profético, que inclui tipos e profecias; d) filosófico (alegoria como personagens históricas, como Sara, que simboliza a verdadeira sabedoria); e) místico (verdades morais e espirituais)”.<sup>53</sup>

Ele acreditava que: “Em todo texto sempre havia um ou mais significados

<sup>45</sup> CALABI, F., Fílon de Alexandria, p. 28.

<sup>46</sup> DOCKERY, D. S., *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*, p. 75.

<sup>47</sup> OLIVEIRA, R. F., *Princípios de hermenêutica*, p. 6.

<sup>48</sup> CAMPENHAUSEN, H. V., *Os pais da igreja*, p. 32.

<sup>49</sup> VRETTOS, T., *Alexandria*, p. 222.

<sup>50</sup> GONZÁLEZ, J. L., *Ministério*, p. 19.

<sup>51</sup> OLSON, R. E., *História da teologia cristã*, p. 86.

<sup>52</sup> DOCKERY, D. S., *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*, p. 79.

<sup>53</sup> ZUCK, R. B., *A interpretação bíblica*, p. 41.

profundos ou adicionais além ou acima de seu sentido imediato. Os significados mais profundos deveriam ser revelados por meio da interpretação alegórica”.<sup>54</sup> Era impensável que as Escrituras Sagradas, na sua beleza, não tivessem mais de um sentido, além do sentido literal imediato. As Escrituras, na visão de Clemente, eram um poço de onde o leitor ou intérprete podia tirar vários ensinamentos, inclusive do mesmo texto.

Clemente, a exemplo de Fílon, também usava a filosofia grega em sua hermenêutica bíblica. Ele afirmava que “o conhecimento da verdade adquirido pelos filósofos era incompleto e parcial, no entanto, mesmo o platonismo não tendo alcançado a verdade e tenha falhado em fornecer apoio para obedecer às ordens do Senhor, ainda assim preparou o caminho para os supremos ensinamentos reais”.<sup>55</sup> Ele acreditava que o platonismo fora dado aos gregos como uma preparação para a vinda de Cristo e um chamado da comunidade cristã, da mesma forma que a lei mosaica fora dada aos judeus para o mesmo propósito.<sup>56</sup> Para Clemente, a filosofia tinha um papel muito importante na história da humanidade, pois ela preparava os gregos na iniciação da mensagem cristã, que é a verdadeira filosofia, a gnose.<sup>57</sup>

Como um alegorista, Clemente alegorizou boa parte do Pentateuco. A parte histórica, ele interpretava literalmente, porém, às demais partes ele atribuía um significado espiritual.<sup>58</sup> Um exemplo de alegorização praticada por Clemente é:

Ao interpretar a história de Abraão, Sara e Hagar (Gn 16) entendeu a escolha de Abraão por Hagar como um exemplo do ato de escolher apenas o que era proveitoso na filosofia platônica e, quando Abraão disse a Sara: “Sua serva está em suas mãos” (Gn 16.6), isso significava que Abraão abraçava a cultura secular como a uma criada, mas ele honrava e reverenciava o conhecimento de Deus como faria a uma verdadeira esposa.<sup>59</sup>

Muito embora Clemente fosse um seguidor dedicado da filosofia, “em seus ensinamentos e escritos, ele nunca pôs Platão e a Bíblia no mesmo nível”.<sup>60</sup> O cristianismo era a verdadeira filosofia e estava acima dos filósofos, pois enquanto estes tinham apenas vestígios da verdade e obtiveram apenas pequenos pedaços da verdade, o cristianismo é a verdade completa.<sup>61</sup>

<sup>54</sup> DOCKERY, D. S., *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*, p. 80.

<sup>55</sup> DOCKERY, D. S., *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*, p. 81.

<sup>56</sup> DOCKERY, D. S., *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*, p. 81.

<sup>57</sup> MORESCHINI, C., *História da filosofia patrística*, p. 113.

<sup>58</sup> DOCKERY, D. S., *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*, p. 82.

<sup>59</sup> DOCKERY, D. S., *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*, p. 82.

<sup>60</sup> VRETTOS, T., *Alexandria*, p. 223.

<sup>61</sup> VRETTOS, T., *Alexandria*, p. 224.

### 4.3. Orígenes e o Método Alegórico

Orígenes nasceu em Alexandria (c. 185-254 d.C.).<sup>62</sup> O nome do “seu pai era Leônidas, um professor de grego, e deu-lhe uma excelente educação; e da mãe, judia, ele obteve um perfeito conhecimento do hebraico. Era o mais velho dos sete filhos. Já aos dezessete anos, havia atingido fama, que seu pai era chamado de Leônidas, pai de Orígenes. Seu nome completo era Orígenes Adamâncio”.<sup>63</sup> Desde a sua infância já se mostrava muito inteligente.<sup>64</sup>

Orígenes de Alexandria é o “primeiro pai da igreja cristã e também teólogo cuja bibliografia é extensamente conhecida”.<sup>65</sup> Na interpretação bíblica, ele seguiu os passos de Filon e Clemente, por essa razão, também foi influenciado e doutrinado no método alegórico.<sup>66</sup> Ele tinha apenas 18 anos de idade quando assumiu a liderança da Escola Catequética de Alexandria,<sup>67</sup> “posição que deteve durante vinte e oito anos”.<sup>68</sup> Muito cedo dedicou-se aos estudos e foi um estudioso muito respeitado, embora controverso em vários assuntos.<sup>69</sup>

Conforme Campenhausen, “Orígenes foi provavelmente o primeiro escritor cristão que sabemos com certeza ter vindo de um lar cristão, e que recebeu educação cristã”.<sup>70</sup> Assim como os demais mestres alexandrinos, Orígenes também ficou bastante conhecido por suas interpretações alegóricas. Embora tivesse muito respeito pelas Escrituras Sagradas, não hesitou em alegorizá-las em várias circunstâncias.

Influenciado pelo platonismo, desenvolveu a ideia de que há três níveis de sentido nas Escrituras, como é observado por Virkler: “Orígenes acreditava que assim como o homem se constitui de três partes – corpo, alma e espírito – da mesma forma a Escritura possui três sentidos. O corpo é o sentido literal, a alma o sentido moral, e o espírito o sentido alegórico ou místico”.<sup>71</sup> No entanto, Orígenes nunca conseguiu de fato seguir consistentemente essa distinção tríplice.<sup>72</sup>

Orígenes alegorizava por entender que “há textos que seria absurdo e imoral interpretar literalmente”.<sup>73</sup> Os filósofos gregos haviam feito assim por vários anos ao estudarem Homero, Orígenes fez o mesmo com a própria Bíblia, dando um

<sup>62</sup> DOCKERY, D. S., *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*, p. 83.

<sup>63</sup> VRETTOS, T., *Alexandria*, p. 228.

<sup>64</sup> BERKHOF, L., *A história das doutrinas cristãs*, p. 65.

<sup>65</sup> OLSON, R. E., *História da teologia cristã*, p. 101.

<sup>66</sup> LOPES, A. N., *A Bíblia e seus intérpretes*, p. 132.

<sup>67</sup> LOPES, A. N., *A Bíblia e seus intérpretes*, p. 132.

<sup>68</sup> DOCKERY, D. S., *Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva*, p. 84.

<sup>69</sup> OLSON, R. E., *História da teologia cristã*, p. 102-103.

<sup>70</sup> CAMPENHAUSEN, H. V., *Os pais da igreja*, p. 42.

<sup>71</sup> VIRKLER, H. A., *Hermenêutica avançada*, p. 44.

<sup>72</sup> LOPES, A. N., *A Bíblia e seus intérpretes*, p. 133.

<sup>73</sup> CAMPENHAUSEN, H. V., *Os pais da igreja*, p. 50.

sentido outro que não o literal.<sup>74</sup> A preocupação dele era que os leitores das Escrituras entendessem errado e se escandalizassem com textos que aparentemente fossem contraditórios e imorais, por exemplo, Campenhausen cita Orígenes que diz:

Que pessoa razoável iria crer, por exemplo, que no primeiro, segundo e terceiro dia, a noite e o dia vieram a existir sem o sol, a lua e as estrelas, e mesmo o primeiro dia sem o céu? Ou quem não seria levado a considerar a lascívia como nada, quando se lê que Judá se deitou com uma meretriz ou que os patriarcas tinham várias mulheres simultaneamente? A menos que estas coisas sejam tomadas de modo figurativo, como devem ser, e afirmadas em seu verdadeiro sentido espiritual.<sup>75</sup>

Assim como Fílon, Orígenes “estava convencido de que o Espírito Santo inspirou tudo da Bíblia, por isso, ele se sentia livre para fazer a exegese de passagens individuais, separadas, à luz do todo, plenamente esperando que os mistérios de um texto sejam iluminados pela verdade mais clara”.<sup>76</sup> Também a exemplo de Clemente, Orígenes “partilhava da ideia que os significados mais profundos derivados da interpretação alegórica destinavam-se aos espiritualmente maduros”.<sup>77</sup>

Para Orígenes, a “capacidade de interpretar alegoricamente era um sinal de inteligência e espiritualidade”.<sup>78</sup> Essa era a visão dos intérpretes alexandrinos, como Fílon e Clemente e, assim como estes, Orígenes também cria na inspiração das Escrituras Sagradas e em sua historicidade. Como se pôde perceber, o problema era que eles não hesitavam em interpretar alegoricamente, quando achavam necessário.

## Conclusão

Como visto, a Escola de Alexandria, foi a grande expoente de um dos métodos interpretativos mais influentes da história do cristianismo, o método alegórico, fomentado na cidade de Alexandria no Egito, cuja fundação atribui-se a Alexandre, o Grande, e que foi fortemente impactada e influenciada pela cultura grega. Por ter sido uma cidade cosmopolita, portuária, recebeu moradores de várias partes do mundo e os judeus que foram morar na cidade procuravam ser fiéis às Escrituras do Antigo Testamento, no entanto, enfrentavam um dilema: como entender determinadas passagens bíblicas difíceis de serem entendidas literalmente?

<sup>74</sup> HALL, C. A., Lendo as Escrituras com os pais da igreja, p. 174.

<sup>75</sup> CAMPENHAUSEN, H. V., Os pais da igreja, p. 50.

<sup>76</sup> HALL, C. A., Lendo as Escrituras com os pais da igreja, p. 172.

<sup>77</sup> DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 88.

<sup>78</sup> DOCKERY, D. S., Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva, p. 89.

A resposta que muitos judeus encontraram foi a solução dada pelos gregos, a alegorização. Os próprios filósofos gregos como Heráclito, já haviam alegorizado a vida e as ações dos deuses, na tentativa de justificar, por exemplo, a imoralidade e as mentiras destes. Os filósofos começaram a ensinar que os textos que contavam as histórias desses deuses não deveriam ser entendidos literalmente, mas figurada e alegoricamente. Havia um sentido oculto por trás dos textos e somente os mais sábios tinham o conhecimento necessário para entendê-lo. A partir de então, os intérpretes cristãos também passaram a aplicar o método alegórico para explicar passagens das Escrituras, assim como Fílon e posteriormente os pais da igreja, Orígenes e Clemente. Foi propósito deste artigo discorrer sobre a escola de Alexandria e seu método alegórico, sobre as raízes históricas e a sua influência em alguns intérpretes cristãos.

### **Referências bibliográficas**

- BERKHOF, L. **A história das doutrinas cristãs**. São Paulo: PES, 1937.
- BERKHOF, L. **Princípios de interpretação bíblica**: Revisada. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- CAMPENHAUSEN, H. V. **Os pais da igreja**: a vida e a doutrina dos primeiros teólogos cristãos. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- CALABI, F. **Fílon de Alexandria**. São Paulo: Paulus, 2014.
- CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- DOCKERY, D. S. **Hermenêutica contemporânea à luz da igreja primitiva**. São Paulo: Vida, 2005.
- GONZÁLEZ, J. L. **Ministério. Vocação ou profissão**: O preparo ministerial ontem, hoje e amanhã. São Paulo: Hagnos, 2012.
- HALL, C. A. **Lendo as Escrituras com os pais da igreja**. Viçosa: Ultimato, 2000.
- LOPES, A. N. **A Bíblia e seus intérpretes**: uma breve história da interpretação. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- MORESCHINI, C. **História da filosofia patrística**. São Paulo: Loyola, 2013.
- OLIVEIRA, R. F. **Princípios de hermenêutica**: estudo e compreensão da Bíblia. Campinas: Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus, 1989.
- OSBORNE, G. R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica.

São Paulo: Vida Nova, 2009.

OLSON, R. E. **História da teologia cristã**: 2000 anos de tradição e reforma. São Paulo: Vida, 2001.

VRETTOS, T. **Alexandria**: cidade do pensamento ocidental. São Paulo: Odysseus, 2005.

VIERTTEL, W. E. **A interpretação da Bíblia**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1979.

VIRKLER, H. A. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos de interpretação bíblica. São Paulo: Vida, 2007.

VANHOOZER, K. J. **Há um significado neste texto?**: Interpretação Bíblica. Os enfoques contemporâneos. São Paulo: Vida, 2005.

ZUCK, R. B. **A interpretação bíblica**: meios de descobrir a verdade da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1994.

***Francisco Emanuel Lima Santos***

Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná

Doutorando em Teologia pela PUC-Rio

Rio de Janeiro, RJ – Brasil

E-mail: sanemau@hotmail.com

Recebido em: 22/07/2022

Aprovado em: 20/12/2022